

Práticas e Saberes Populares no Quilombo: a comunidade Kalunga do Engenho II em Cavalcante, Goiás¹

JORGEANNY DE FÁTIMA RODRIGUES MOREIRA²

Com a abolição da escravidão, os escravos libertos foram atirados numa sociedade a qual não os acolhiam e não os ofereciam sequer condições de sobrevivência. Nas palavras de Nascimento (1980: p. 32), o quilombo acolheu parte desses negros, pois representava

um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural.

Esse fenômeno é abordado na academia por diversas áreas e sob diferentes perspectivas e ganhou maior força a partir das décadas de 1970 e 1980. Para Velloso (2007), esse fato deve-se principalmente à criação do artigo 68 no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988, que reconhece as comunidades quilombolas e o seu direito a terra.

Somente em 2003 o decreto 4887/2003 regulamenta a identificação e reconhecimento dos remanescentes de quilombos. Esse decreto delimita e demarca as terras ocupadas pelos quilombolas estabelecendo assim, territorialidade e identidade no espaço marcado por luta. As terras ocupadas eram quase sempre adquiridas a partir de doação ou por meio da compra nos arredores de quilombos. Desse modo, existe a possibilidade de doação, herança, compra e pagamento a negros que escolheram um modo de vida próprio baseado no uso familiar da terra.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares foram identificadas, oficialmente, 1.000 comunidades quilombolas em todo país. Esse mesmo órgão informa que no estado de Goiás, existem 22 comunidades, somando 1622 famílias certificadas pelo Ministério da Cultura. A comunidade que recebeu certificação no Estado de Goiás foi a Comunidade Quilombola Kalunga.

¹ Esse artigo é resultado de um dos capítulos da Dissertação de Mestrado em Geografia intitulada *Paisagens Culturais do Povo Kalunga do Engenho II em Cavalcante, Goiás: cotidiano e festas*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.

² Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Doutoranda em Geografia pela mesma instituição de ensino.

Essa área está localizada nos municípios de Teresina de Goiás, de Monte Alegre e de Cavalcante. A comunidade Kalunga do Engenho II localiza-se a 27 km do centro urbano² Cavalcante. No espaço habitado por esse grupo social predominam as serras, os morros e vales estreitos, com a presença de rios e uma vegetação de cerrado. As casas distam aproximadamente duzentos metros umas das outras, formando um núcleo central, mas há aquelas que ficam mais distantes e escondidas por espécies arbóreas mais densas e próximas às serras.

De acordo com o agente de saúde da comunidade, também Kalunga, o Engenho II possui 160 domicílios habitados por 768 moradores, sendo que o número de famílias em cada casa varia, podendo chegar a 8 em uma única residência. A principal atividade econômica dos moradores é a agricultura familiar. Essa sociedade cultiva um forte vínculo com o cerrado, de onde tira sua sobrevivência e estabelece uma relação de pertencimento com o lugar.

Algumas práticas demonstram essa relação cultural dos Kalunga com o cerrado. O cultivo dos alimentos, por exemplo, acontece nas roças de toco³, que medem de 2.000 m² a 4.000 m², dependendo do número de pessoas envolvidas na produção⁴, essa técnica foi repassada de geração em geração. Outros mecanismos para o plantio são utilizados sem uma orientação profissional, como a adubação orgânica e o uso de instrumentos rústicos no cultivo da terra, como a plantadeira e o arado (serve para lavrar/arar a terra).

Em outubro de 2012 acompanhamos a rotina de um dos moradores até a roça, que fica afastada da comunidade, nos boqueirões da Serra Geral e percorremos, durante duas horas, uma distância aproximada de 8 Km. Entre subidas e descidas na serra íngreme composta por cascalhos, areia, pedras e gramíneas seguimos um atalho estreito e escorregadio até um local de área acidentada cujo solo predominante é o Litossolo⁵.

³ O sistema é baseado na derrubada e queima da vegetação, seguindo-se um período de cultivo e, após o declínio da fertilidade do solo, um período de pousio para restauração da fertilidade (SIMINSKI; FANTINI, 2007, p. 691).

⁴ Fonte: Diário de Campo. MOREIRA, J. F. R., 2012.

⁵ Os Litossolos são comuns em áreas serranas de relevo acidentado. Estão associados aos Cambissolos que são solos pouco desenvolvidos caracterizados por serem cascalhentos e pedregosos. Fonte: SILVA, Adriana A.; SIMÕES, Selma. Solos de Goiás. In: LABOGEF/IESA-UFG. Disponível em: http://www.labogef.iesa.ufg.br/labogef/arquivos/downloads/Solos_de_Goiás_71851.pdf. Acesso em 26 de Dezembro de 2012.

Em alguns momentos o apoio em cipós e árvores como de sucupira, curriola, bacuri e pequi⁶ era indispensável. Em certo ponto do trajeto é possível ouvir o som distante emitido pelas quedas d'água de uma cachoeira e a sensação térmica não é minimizada por conta do microclima em virtude da água corrente. Porém, o morador explica que o calor não é tão intenso, pois aquele local é de altitude mais elevada. Segundo ele, “aqui não é tão quente. 3 no Vão de Almas e no Vão do Moleque é pior, porque fica no Paranã. Lá é sertão e aqui não, o ar lá não circula, fica um mormaço todos os dias, é porque lá fica entre as serras. Aqui o vento é bom” (F. R. S, Agricultor e Condutor de Turismo, 32 anos). O Paranã descrito por esse Kalunga é o Vale do Paranã, localização do Vão do Moleque e Vão de Almas, outras duas comunidades Kalunga e que são consideradas pelos quilombolas do Engenho II como sertão, em virtude da localização de difícil acesso e proximidades com as grandes depressões da região. O quilombola descreve o clima nas serras de acordo com a sua experiência no lugar; as vivências do seu cotidiano no campo que enseja o saber popular. Segundo Relph (1980, p. 1), “but in itself this practical knowing of places, is quite superficial and is based mainly on the explicit functions that places have for us”⁷.

Nesse caminho percorrido, o cheiro de fumaça também é intenso, e isso deve-se a queimada para a abertura de espaços para o novo plantio que ocorre de outubro a dezembro. Segundo os agricultores do Engenho II, eles iniciam as plantações de acordo com as fases da lua, pois eles esperam passar cinco dias da lua nova, caso contrário os insetos destroem as plantas. As fases ideais para o plantio são minguante e crescente. Essas explicações acerca do tempo ideal para plantar faz parte da cosmovisão dessa sociedade, a qual atribui conceituação e valores às atividades práticas de acordo com o conhecimento e a relação história com a natureza (TUAN, 1983).

Sobre os produtos cultivados, os Kalunga explicam que tem grande variedade: banana, mamão, milho, abóbora, mandioca, arroz, feijão e cana. Não há uso de fertilizantes, agrotóxicos ou equipamentos sofisticados para lidar com a terra. Os alimentos são consumidos pela família produtora e em casos de exceder vende-se em Cavalcante. O arroz

⁶ Nomes científicos: *Diploptropis martiusii benth*, *Theobroma grandiflorum*, *Platonia insignis* e *Caryocar brasiliense camb* respectivamente. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br>. Acesso em 24 de Janeiro de 2013.

⁷ [Tradução Livre] “Mas a prática do conhecimento dos lugares em si mesmo baseia-se principalmente sobre as funções explícitas que os lugares têm para nós”.

pode ser descascado e limpo na própria comunidade, já que um morador comprou uma máquina para esse serviço, o qual é cobrado dos demais Kalunga, 12,00 reais a saca.

A vida na roça é árdua, não há possibilidade de ir e retornar todos os dias à comunidade para não esgotar os animais (geralmente mulas). Os próprios agricultores preferem ficar durante a semana na roça e retornar para casa aos finais de semana. Essa rotina só é quebrada no período chuvoso e nos dias de festas. Segundo o morador F.R.S., que nos guia, a solidão é a parte mais difícil de manter-se nas roças, além da falta de conforto e segurança. As refeições são preparadas de forma bastante improvisada - em um fogão feito com pedras -, e o risco de ataque de animais como onças é possível (Figura 1).

A colheita inicia-se em abril de cada ano e o trabalho é dobrado. Nesse período, 4 mulheres acompanham seus maridos para ajudá-los e para evitar que pássaros ou outros animais estraguem os frutos e legumes. A distância não impede que as esposas, e em alguns casos os filhos, acompanhem os agricultores para a lida na roça, principalmente em épocas em que os produtos agrícolas devem ser levados até a comunidade. O trajeto de volta é mais desafiador, haja vista que é mais íngreme o que dificulta a caminhada. Em alguns momentos a parada para descanso faz-se necessária.



Figura 1. Cama fabricada com bambus utilizada nas cabanas, Engenho II. Foto: MOREIRA, J. F. R., Out. 2012.

As sacas de arroz e cachos de banana são levadas pela mula, que conduzida pelo Kalunga faz esforço para subir às rochas. Em alguns pontos, o caminho deve ser desviado devido ao processo de erosão em estado mais avançado, portanto, novos atalhos são feitos com o uso de facão ou foice. A paisagem é surpreendente, as serras em volta e a vegetação do

cerrado surge ainda mais pitoresca. Flores, frutos, plantas medicinais brotam do chão pedregoso e arenoso. O agricultor faz paradas para descanso e nos mostra, cuidadosamente, as plantas utilizadas por ele e sua família para curar algumas enfermidades: a Sucupira Branca é utilizada para infecção na garganta, a Curriola para cólicas, o Assa-peixe⁸ é usado em casos de bronquites, o Barbatimão pode curar úlceras. A paisagem natural, por meio dos saberes, mitos e crenças desdobra-se em uma paisagem cultural, cuja importância e significado para o homem estão além do simples uso agrícola do lugar.

Em uma paisagem mais distante é possível visualizar algumas veredas, de onde ecoa o som do canto dos pássaros. Um dos Kalunga que encontramos no caminho de volta, diz que algumas aves são mais comuns em nascentes. Mas é inapropriado se aproximar desses lugares devido ao risco de picada de cobra. Admiramos essa paisagem já na estrada principal que dá acesso à comunidade. Nesse local as rochas estão mais expostas e as erosões e as voçorocas sobrepõem à vegetação. Os dois moradores tentam explicar o porquê do avanço da abertura nos solos e rochas. Eles contam que a Embrapa⁹ esteve no local e seus técnicos afirmaram que esse processo se dá devido ao desgaste do solo, provocado por fatores naturais como chuva, vento, rios etc. Mas, segundo os quilombolas, um pequeno dique construído para represar a água de uma das nascentes, foi o responsável por evoluir o processo de erosão. Para eles, o homem não pode interferir muito na ação do tempo e da natureza. Uma das moradoras do Engenho II, afirma que

a gente planta, colhe e tudo graças à chuva, não falta água. Num tem muita serventia mexer muito na natureza, porque senão ela pode castigar. Tem muito lugar que as inundações destrói as casas porque o homem não respeitou ela [natureza] (R., Do Lar, 45 anos).

Comentário como esses demonstram o respeito e certo medo que os Kalunga têm dos ciclos e fenômenos da natureza. Em alguns casos, a exploração dos recursos naturais deve-se ao fato do Engenho II está inserido em 71% do Sítio Histórico e Patrimonial Cultural Kalunga (ALMEIDA, 2010) podendo gerar complicações de ordem jurídica à empresas ou indivíduos que executarem trabalhos não autorizados pela Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura e Ministério do Meio Ambiente.

⁸ Nome científico: *Vernonia polyanthes*. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br>. Acesso em 24 de Janeiro de 2013.

⁹ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

No caminho que percorremos de volta, além das belezas paisagísticas já descritas, muitas rochas eram mostradas pelos quilombolas como ricas em ferro e manganês. Segundo eles, já foram identificadas jazidas de ferro e manganês na região, mas o líder local é contra a extração desse minério. Mas, Sr. F. (Presidente da Associação Kalunga de Cavalcante, Kalunga, 74 anos) afirma ser a favor, pois apenas 7% pertencem ao Sítio e os demais 93% são da nação. Essas divergências apontam para conflitos entre Presidente da Associação Kalunga de Cavalcante e Presidente do Sítio Kalunga (morador e líder no Engenho II).

Concluída a tarefa na roça, os Kalunga nos conduzem a outros passeios na comunidade, como a visita a Igreja e em alguns bares e casas do lugar. Essas visitas nos oportunizam identificar outras contradições que compõem as diferentes trajetórias e as especificidades do lugar. Ao aceder o interior de aproximadamente seis casas do Engenho II, identificamos que algumas famílias possuem condições financeiras melhores que outras. Isso se deve a atividade do comércio, do turismo e programas assistencialistas do governo federal. Nessas famílias, há indivíduos que aderem a trabalhos como condução de turistas, mercearias, lanchonetes ou restaurantes. Há casos de famílias que alugam quartos ou o quintal como *área de camping*. 6

O comércio e a liderança da atividade turística têm ensejado uma elevação na renda de alguns quilombolas. Não obstante, esse grupo possui maior influência frente às figuras políticas da região ou aos órgãos ligados ao turismo como SEBRAE, Prefeitura e Secretaria de Turismo de Cavalcante. Pode-se pensar no surgimento de uma elite no lugar Kalunga do Engenho II e essa classe emergente lidera os assuntos ligados ao bem coletivo. Sra. E. S. (Funcionária Pública, Kalunga, Cavalcante, 64 anos), afirma que algumas famílias são mais beneficiadas que outras, já que estão à frente do processo pela busca por melhores condições de vida junto ao governo, entidades filantrópicas e bancos de financiamento para o pequeno agricultor e empresário.

Outros Kalunga, que se limitam a atividade agrícola, precisam da assistência do governo para a complementação da renda, como bolsa família, cesta básica, renda cidadã e auxílio maternidade. Apesar de atividades de complementação de renda e de programas assistencialistas do governo federal, a precariedade em infraestrutura é grande. Muitos moradores relatam dificuldades e debilidades como saneamento básico, saúde e educação.

Há moradias que possuem serviços de saneamento, porém falta rede de esgoto e os dejetos são jogados nos quintais, não havendo coleta do material pela prefeitura ou qualquer órgão. Além disso, algumas casas são feitas com materiais encontrados na região como adobe e folhas de buritis (Figura 2).



Figura 2. Casa típica Kalunga, construída com adobe. Foto: MOREIRA, Jan. 2012.

Segundo Sr. F (Presidente da Associação Kalunga de Cavalcante, Kalunga, 74 anos) existe um programa do Governo Federal (em parceria com órgãos como a Secretaria Especial de Políticas de Promoção e Igualdade Racial e a Caixa Econômica Federal) para a construção de casas e banheiros, mas há famílias que ainda não foram atendidas. De acordo, com o líder local há aproximadamente 60 casas de alvenaria doadas pelo programa¹⁰. O quilombola que nos acompanha na visita à comunidade, ainda não recebeu sua casa de alvenaria, mas acredita que adobe é melhor, pois a considera mais fresca, e por isso construiu para ele e sua família um modelo rústico com telhado confeccionado, por ele e seus irmãos, com folhas de Buriti. Sr. L. (Kalunga, Vereador em Cavalcante, 38 anos) compartilha desse pensamento, ao afirmar que a casa de adobe representa a tradição Kalunga. Todavia, o líder local discorda das duas opiniões, ao constatar que esse tipo de construção sofre rachaduras na lua nova, e também por

¹⁰ O Programa Brasil Quilombola foi criado em 2004 pelo Governo Lula, e teve como parcerias o Ministério da Cultura, a Fundação Cultural Palmares e a Secretaria de Políticas de Promoção e Igualdade Racial (SEPPIR). Esse programa têm como objetivos primordiais a Regularização Fundiária, a Certificação, Luz para Todos, Bolsa Família, Desenvolvimento Local e Desenvolvimento Agrário. O relatório final, disponível em <http://www.portaldainigualdade.gov.br/acoes/pbq/Relatorio%20PBQ2009%20versao%20final.pdf> (Acesso em 25 de Janeiro de 2013) não especifica a quantidade de casas doadas aos Kalunga. Disponível em: <http://www.portaldainigualdade.gov.br/acoes/pbq>. Acesso em 25 de Janeiro de 2013.

acreditar que se manter em uma residência com qualidade inferior não pode se justificar pela tradição ou pela construção histórica dos saberes local.

Além da falta de moradia, muitos Kalunga sofrem com outras dificuldades. A escassez de água nas casas que já possuem o serviço de saneamento básico é comum. Durante nosso primeiro trabalho de campo faltou água por aproximadamente seis horas. Sobre esse problema, os moradores explicaram que é normal e que já houve época de ficarem três dias sem água, e que precisaram buscar nos rios mais próximos. Para as famílias que não possuem serviços de saneamento e/ou abastecimento, a alternativa são os diques e encanamentos feitos pelos próprios moradores para trazer água dos rios às suas casas.

Outro entrave enfrentado pela comunidade é o acesso à saúde e à educação. Ainda é elevado o índice de analfabetismo na região. Na comunidade do Engenho II há duas escolas que oferecem o primeiro ciclo (1º ao 4º ano) de formação e que recebem crianças de 5 a 12 anos de idade. Os professores são Kalunga, moradores do Engenho II, e apenas uma professora é de Cavalcante, mas vive na comunidade.

A partir do segundo ciclo, as crianças e adolescentes deslocam-se até o centro urbano de Cavalcante. Eles moram na cidade durante a semana, geralmente em casa de parentes, e aos finais de semana retornam à comunidade. No entanto, não são todos os jovens que podem morar em Cavalcante para continuarem seus estudos.

Em relação ao atendimento médico, o posto de saúde instalado na comunidade atende uma vez por semana. O médico que trabalha no local diagnostica sintomas mais simples e para uma consulta mais complexa, o paciente é encaminhado para Cavalcante. Para esse tipo de situação, a comunidade possui uma caminhonete doada pelo governo federal. Esse veículo é utilizado também para o transporte de pessoas e produtos adquiridos na cidade. Além desse serviço, há um ônibus com motorista, serviço oferecido pela prefeitura de Cavalcante. Esse benefício, resultado da luta de um vereador Kalunga, presta cuidados à comunidade duas vezes por semana, as terças e sextas feiras. O acesso ao centro urbano de Cavalcante é comum e as relações sociais também se dão fora das fronteiras do lugar (CARLOS, 1996).

A acessibilidade, os programas de inclusão social e assistencialismo aos quilombolas, não amenizam os conflitos de ordem econômica, que é o principal fator para o intenso fluxo migratório para os centros urbanos, principalmente para metrópoles como Goiânia e Brasília. Segundo um dos líderes locais, a maioria dos emigrantes é de jovens entre 15 e 35 anos de

idade. Aqueles que permanecem na comunidade trabalham em terras de fazendeiros da região ou aderem à atividade turística¹¹.

No entanto, existem alguns Kalunga que retornam ao Engenho II, pois não conseguem adaptar-se a rotina das grandes cidades. Esses jovens trabalham em atividades ligadas ao turismo ou na roça com os pais. Para Avelar e Paula (2003: p. 130), os Kalunga retornam ao lugar porque “mantém suas raízes fixadas na terra que lhes pertence, numa relação sentimental e carregada de significados”.

Uma antiga moradora do Engenho II, que atualmente mora nos Estados Unidos, conta que sente saudades da época em que morava no Engenho II. Há dois anos volta uma vez por ano para visitar o pai e os irmãos. Ela relata que muitos saberes e costumes adquiridos no cotidiano Kalunga, ainda são comuns em sua vida, como o uso de plantas medicinais (Assa Peixe e Mastruz), as rezas e as canções aprendidas no dia a dia junto com os demais moradores da comunidade. Nas palavras de Tuan (1983: p. 21) “quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência”.

Segundo a antiga moradora, a paisagem do Engenho II foi transformada ao longo dos anos, existem novas casas, comércios e estradas, mas todas remetem a lembranças. Outros quilombolas falam sobre as experiências no quilombo, como era a paisagem antes da chegada da luz elétrica, como eram as casas há dez anos. Afirmam que era uma vida difícil, iam à cidade raramente, mas sentem saudades da paz e tranquilidade daquele tempo. Para Holzer (1999), além de um longo tempo de residência, para que o espaço se constitua lugar necessário um profundo envolvimento emocional de seus moradores.

As mudanças e transformações recorrentes não apagam as paisagens que identificam o lugar, como aquelas ligadas aos sentidos e experiências do homem Kalunga: as paisagens do percurso semanal ao trabalho na roça, das idas raras a cidade, que separa e aproxima uma casa a outra. Segundo Besse (2006: p. 92) “antes de qualquer espetáculo [...], a paisagem é expressão, e mais precisamente, expressão da existência”. Nas paisagens do Engenho II estão impressas as relações sociais e espaciais carregadas de sentimentos, que são historicamente

¹¹ Fonte: Diário de Campo, MOREIRA, J. F. R, 2011/2012.

construídas no cotidiano e com base na convivência (TUAN, 1983). Essas particularidades são entendidas nesse lugar como a expressão da existência no lugar Kalunga.

No que diz respeito às particularidades do lugar, Carlos (1996) argumenta que a globalização influencia a vida nos lugares, isto é, as relações sociais são profundamente transformadas com o mercado e com os novos meios de comunicação. Esses elementos sugerem uma mudança no sentido de lugar, pois as comunidades tradicionais absorvem um novo padrão de consumo determinando intensamente a relação local-global frente à cultura externa (CARLOS, 1996). Essa lógica ligada ao capitalismo e a inserção de novos elementos técnicos informacionais pode impactar o lugar sob diversas formas, inclusive gerando conflitos sociais e espaciais. No Engenho II novas técnicas são empregadas por moradores, há o uso de novos produtos para atividades ligadas ao comércio, turismo ou mesmo atividades domésticas. Os meios de comunicação são comuns como telefones, televisores, rádios e computadores. No entanto, a relação dos Kalunga com o lugar é representada por suas experiências pautadas no trabalho, no conhecimento mítico e popular da natureza e nos costumes e saberes que modelam a paisagem. Os elementos técnicos informacionais inseridos no lugar não provocam o rompimento com as singularidades e especificidades do mesmo.

Gonzaga (2010), em sua pesquisa de mestrado identifica alguns conflitos nas relações sociais de uma comunidade rural em Alagamar – SE, na medida em que alguns moradores melhoram suas condições de vida ao adequar-se ao mercado. Da mesma forma, conforme já identificado anteriormente, existe no Engenho II a ascensão de alguns indivíduos em virtude de novas atividades econômicas. Novos elementos são incorporados às práticas cotidianas das famílias que ascenderam socialmente, como alimentos, roupas, equipamentos elétricos e eletrônicos, mas a intimidade e relação de afetividade com a comunidade é intensa. As divergências econômicas e sociais convergem para conflitos sociais ou promovem a ruptura de laços que são restabelecidos durante as práticas culturais do lugar. Práticas estas que são singulares, que se caracterizam por aproximar e atenuar a linha que separa as diferenças e conduzem a uma identificação da *gente do lugar* e seus saberes populares os quais s
10
melhore descritos a seguir.

Os Kalunga do Engenho II e seus Saberes Populares: cultura nas paisagens do quilombo

Com base nas observações realizadas no Engenho II, identificamos a relação dos Kalunga com o lugar por meio de suas paisagens culturais. Esse povo reconhece os elementos naturais presentes no cerrado ao olhar ou tocar. Muitos desses elementos são apropriados pelos moradores para a construção de casas, fabrico de instrumentos musicais, alimentos e artesanatos. Os alimentos servidos nos momentos festivos, por exemplo, e em outras reuniões comunitárias são característicos do lugar. Da mesma forma, os instrumentos musicais utilizados em suas festas são artesanais e produzidos por materiais advindos da natureza (Sementes de Frutos do Cerrado, Couro de animais silvestres, *etc*). A *bruaca*, por exemplo, é uma caixa utilizada pelos mais antigos para carregarem objetos a cavalo ou mula. É fabricada com couro de animais silvestres ou gado, frutos colhidos nas roças, e é utilizada como instrumento musical. Com o uso de elementos do cerrado para a produção artesanal, os Kalunga apropriam-se da paisagem natural e a transforma por meio da cultura.

A paisagem é um produto e “ao mesmo tempo, produtora da natureza social e cultural das sociedades” (AMEIDA; VARGAS; MENDES, 2011: p. 33). As ações dos homens estão imbricadas com as paisagens culturais. Existe uma relação de apropriação e complementaridade entre o homem e as paisagens naturais e produzidas. As autoras salientam que “a paisagem, na concepção da geografia cultural, diz respeito à nossa posição na natureza, de que sua elaboração se dá pela percepção e pela razão humana e que ela sempre esteve ligada com a cultura” (IDEM, p. 28).

Outro exemplo representativo da relação do homem com a natureza, na comunidade pesquisada, é a busca por plantas medicinais nas roças e/ou matas fechadas. Durante um passeio, uma das moradoras nos mostrava plantas e raízes para curar diversos sintomas. Plantas como: Araticum, “Rabo de Tatu” (raiz amarga, típica do cerrado), Algodãozinho, Assa Peixe e Sucupira¹² eram as mais citadas. Como alimento, a moradora cita Jatobá, Pequi e Buriti¹³ que são encontrados na natureza e que ainda não foi necessário plantar. Quanto às

¹² *Anona crassiflora* (Annonaceae), *Centrosema bracteosum* (Fabaceae), *Coclospermum regium* (Cochlospermaceae), *Vernonia ferruginea* (Compositae) e *Pterodon pubescens* Benth. (Leguminosae) respectivamente. Fonte: VILA VERDE, G. M.; PAULA, J.R.; CARNEIRO, D. M. Levantamento Etnobotânico das Plantas Medicinais do Cerrado Utilizadas pela População de Mossâmedes (GO). In: Revista Brasileira de Farmacognosia. v. 13, supl., p. 64-66, 2003. ISSN: 0102-695X. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v13s1/a24v13s1.pdf>. Acesso em 22 de Janeiro de 2013.

¹³ *Hymenaea stigonocarpa*, *Caryocar coriaceum* e *Mauritia flexuosa*, respectivamente. In: CONCEIÇÃO, G. M. *et al.* Plantas do Cerrado: comercialização, uso e indicação terapêutica fornecida pelos raizeiros e vendedores, Tesina – PI. Scientia Plena 7, 129902 (2011). Disponível em: <http://www.scienciaplena.org.br/ojs/index.php/sp/article/view/23/421>. Acesso em: 22 de Janeiro de 2013.

plantas, apenas ao olhar, os Kalunga sabem identificar à qual sintoma é indicado o uso da medicação. Essas espécies também são utilizadas para a fabricação de alimentos como bolos e geleias.

Alguns Kalunga também mantêm em seus quintais hortas que foram criadas no sistema mandala. Essa técnica consiste em plantar os vegetais em um círculo concêntrico em que há pequenos caminhos para que os agricultores possam transitar para que não pisoteie os frutos, as leguminosas e as verduras. Os alimentos mais comuns nas hortas Kalunga são alface, tomate, mandioca, abóbora e cebola.

O cultivo de hortas é um processo que foi construído historicamente pelos Kalunga. No entanto, atualmente há o apoio de instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Faculdade de Agronomia da Universidade Federal de Goiás aos Kalunga. Os projetos vinculados a esses órgãos contribuem com o aperfeiçoamento da prática de permacultura¹⁴, ao fornecer cursos e oficinas para o melhoramento do solo e aumento de produtividade por meio de adubação com a utilização de húmus fabricado com restos de alimentos e esterco. Ao apoderar-se desses saberes, os Kalunga adquirem uma atividade de complementação da renda.

A confecção de artesanatos também se insere como uma prática de auxílio da renda Kalunga. Algumas mulheres quilombolas fabricam jogos americanos e toalhas de mesa utilizando apenas as folhas de buriti. Os teares são recursos para a confecção de cachecóis e mantas de fios e tecidos adquiridos em Cavalcante. Esses produtos são comercializados na própria comunidade à turistas e aos moradores do centro urbano de Cavalcante. Essas atividades são desenvolvidas gradativamente pelos quilombolas, uma vez que algumas dessas práticas foram esquecidas e são retomadas na medida em que, conforme já mencionado, instituições intervêm no processo de qualificação de alguns Kalunga para a realização de outras atividades econômicas.

Os arranjos produtivos especificados demonstram o significado do Cerrado para a sobrevivência dos Kalunga. O uso dos recursos naturais, por meio de mecanismos tradicionais

¹⁴ Handerson (2012) explica que a Permacultura é o uso “consciente” contando com utilização mínima de alguns materiais degradantes ao meio ambiente. Para essa autora, o discurso de educadores ambientais salienta que a permacultura está baseada no conhecimento ancestral de técnicas de plantio e de manejo do solo. Fonte: HANDERSON, Danielle Freitas. *Permacultura: as técnicas, o espaço, a natureza e o homem*. [Monografia]. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília – UNB Brasília, 2012.

evidencia a conservação das terras, ao passo que os quilombolas mantêm uma relação dialéctica entre o saber fazer e o ambiente ao transformar uma paisagem natural em cultural. 12

As questões referentes à relação do sertanejo com o seu lugar são relatadas por Almeida (2008) que explica a apropriação da paisagem natural e a transformação do meio ambiente pelo homem. Essas paisagens possuem significados simbólicos e “refletem as formas de como os seres humanos interiorizam o espaço e a natureza e os integra ao seu próprio sistema cultural” (ALMEIDA, 2008: p. 47).

Apesar dessa habilidade e saber popular para confecção de objetos, alimentos e medicamentos fitoterápicos, é muito comum materiais como panelas, roupas, alimentos e remédios serem comprados na cidade. Os moradores consideram mais baratos e com qualidade superior aos fabricados na própria comunidade.

Alguns alimentos que podiam ser produzidos em casa ou que eram evitados devido à dificuldade em comprá-los na cidade como pães, biscoitos, sucos e doces podem ser adquiridos em estabelecimentos implantados no local. A paisagem adquire novas estruturas e funções para atender o consumo como fora colocado por Santos (2002) em seu livro *A Natureza do Espaço*. A paisagem se torna, portanto, diversificada quando comércios e novos lugares para lazer são incorporados ao meio rural.

Os Kalunga se apropriam simbolicamente do ambiente em que vivem, conhecem a natureza e a ordem natural do espaço. A inserção de novos hábitos não impede que este espaço se qualifique como lugar, mas ameaça as práticas culturais tradicionais, construídas historicamente com o lugar em que vivem. Os saberes tradicionais que foram repassados de geração em geração por meio da oralidade podem ser esquecidos, na medida em que deixarem de ser reproduzidos.

Há estudiosos, por exemplo, que relacionam algumas práticas culturais e saberes populares dos Kalunga com costumes dos negros africanos. Em um das festas da comunidade, observamos as danças do local: a Sussa e a Curraleira. Silva Júnior (2008) explica que as danças Sussa e Curraleira são típicas brasileiras, mas que trazem algumas características da cultura africana como o pisado, o pandeiro, as palmas, o movimento giratório e o confronto de corpos. Nas palavras desse autor

Na sússia, as marcas do camdomblé são evidentes: as mulheres dançam girando, com vestidos coloridos, ora aproximando os corpos, ora afastando. Muitas vezes bebem enquanto dançam e o ritmo é marcado pelos cantadores e pelos instrumentos. As letras, normalmente têm duplo sentido (mencionando o baixo-

corporal) e as mulheres gargalham, gritam e se movimentam em uma espécie de transe (SILVA JUNIOR, 2008: p. 4).

Ao contrário do que descreve esse autor, observamos que a sussa é um momento de muito respeito, uma vez que faz parte dos rituais religiosos da comunidade Kalunga. Atualmente, as mulheres dançam também em festivais como o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros que acontece em Alto Paraíso (GO). Há oficinas realizadas pelas mulheres mais velhas para ensinar a *sussa* para crianças e adolescentes, com o intuito de que as tradições não desapareçam.

A curraleira recebeu esse nome porque, segundo Silva Junior (2008), essa dança acontecia nos currais. As coreografias lembram os movimentos da catira; os foliões ficam lado a lado, batem os pés e as mãos enquanto cantam os versos das folhas. Há muitas brincadeiras, perguntas e respostas, elogios e críticas nesses versos, mas também homenagem aos santos devotados.

Rodrigues (2011) reconhece a semelhança entre a curraleira e a catira. Em sua pesquisa de mestrado, o autor identificou os movimentos, ritmos e músicas usadas na curraleira e argumenta que o ponto comum entre as duas danças está no uso da viola caipira, acompanhando seu som com palmas e sapateados. Rodrigues (2011: p. 55) explica ainda, que “conforme a tradição essas danças surgiram quando os tropeiros se reuniam para assar carne do gado curraleiro e cantar”. Os músicos tocam e dançam ao mesmo tempo. É uma dança de homens e não há presença de mulheres tocando instrumentos.

As descrições de Rodrigues e Silva Junior correspondem com exatidão aos movimentos e ritmos singulares das danças Kalunga. Na curraleira, os foliões se organizam em duas fileiras formando duplas. Ao iniciar o som dos instrumentos, os homens batem os pés com intensidade no chão tentando pisar nos pés uns dos outros. Às vezes trocam os pares, outras dançam em círculo e os risos são constantes, acompanhados pelas palmas de quem os assistem. Ao contrário dessa dança, a sussa é executada por mulheres que se organizam em círculo e movimentam freneticamente os corpos. Alguns passos enfatizam a sensualidade das mulheres que rebolam ora levantando as saias até o joelho rodopiando pelo espaço da festa. Em alguns momentos, colocam garrafas nas cabeças e dançam equilibrando esse objeto ao som das caixas e pandeiros dos foliões.

As canções durante essas performances relatam situações de fé, devoção, agradecimento e pedidos aos santos, mas também de regozijo emanando um tom jocoso. Essas práticas culturais também compõem as paisagens dessa comunidade e são construídas baseadas em símbolos. No caso das paisagens festivas, elas delimitam um espaço por meio da ornamentação, pelos ranchos construídos para atender um público temporário, pelas fogueiras, pelos espaços reservados para as danças (ALMEIDA; VARGAS; MENDES, 2011).

As paisagens culturais com base nos saberes populares dos Kalunga são historicamente construídas e configuram-se segundo a percepção dos indivíduos que observam, as sentem e se reconhecem nelas. Mas também denunciam redefinições e refuncionalização do lugar Kalunga pelos novos atores sociais, pois as paisagens do quilombo abrem espaço para as relações fora da fronteira do rural e do urbano ao receber o Outro. Todavia, cabe compreender se essas relações estão pautadas na alteridade ou baseia-se apenas nas efemeridades baseadas em encontros fugazes, sem significado para quem visita e para quem vive no lugar Kalunga.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G.; VARGAS, M. A. M.; MENDES, G.F. Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. In *Mercator*. Fortaleza, vol. 10, n° 22, p. 23-35, mai/ago. 2011.

_____. Território de Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. *Revista Ateliê Geográfico – Edição Especial*. V. 1, n. 9, fev. 2010, p. 36-63.

_____. Diversidades Paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa B. *Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Editora Vieira, 2008.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bertalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. *Fundação Cultural Palmares*. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em 14 de Outubro de 2010.

CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

GONZAGA, Taiana P. A. *Da Arte ao Ofício à Produção de um Lugar: o Alagamar, Pirambu (SE)*. Dissertação de Mestrado. Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2009

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. In: *Revista Território*. Rio de Janeiro, ano IV, n° 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1980.

RODRIGUES, Clênio Guimarães. *Sussas e Curraleiras Kalunga: na folia do Divino Pai Eterno da Cidade de Cavalcante – GO e na Festa de Santo Antônio do Engenho II*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2011.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edições da Universidade de São Paulo, 2002. 15

SILVA JÚNIOR, Augusto Rodrigues. Festejo Quilombola: o Kalunga, o Divino, o Verso. In *ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SIMINSKI, Alexandre; FANTINI, Alfredo C. Roça de Toco: uso de recursos florestais e dinâmica da paisagem rural no litoral de Santa Catarina. In *Ciência Rural*, Santa Maria, V. 37, n° 3, p. 690 – 696, mai-jun, 2007.

VELLOSO, Alessandra D`Aqui. *Mapeando narrativa: uma análise do processo histórico-espacial da comunidade do Engenho II – Kalunga*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília, Departamento de Geografia, 2007.